



M|A|RGS

GLAUCO. TROPICAL

Em uma história da arte desde o sul do Brasil, **Glauco Rodrigues** (1929–2004) ficou notabilizado pela sua vinculação às importantes realizações do denominado “Grupo de Bagé” e dos Clubes de Gravura criados nos anos 1950 nesta mesma cidade e em Porto Alegre.

Assim, seu nome sempre costumou figurar junto aos de Glênio Bianchetti, Danúbio Gonçalves e Carlos Scliar, também por em comum terem naquele período compartilhado meios de trabalho e convergido suas produções em torno de um mesmo pensamento e posicionamento artísticos.

Foi, em suma, a reação conjunta que os uniu contra as correntes internacionais da abstração, a partir de uma defesa politizada da figuração realista de vertente expressionista e cunho social-regionalista.

Esse Glauco relacionado à representação do homem e das paisagens do campo, do trabalho rural da pecuária e dos tipos e costumes regionais — ligado, portanto, ao gaúcho e à cultura campeira sulina — foi

desde então bastante celebrado. Inclusive pelo MARGS, como atesta a história das exposições do Museu.

Uma história, contudo, na qual constam ausentes exposições sobre os “outros” Glaucos, que passaram a “habitar” o mesmo artista a partir do final da década de 1950, quando parte para experiências no Brasil e na Europa, fixando-se no Rio de Janeiro em seu retorno.

Sobretudo um **“Glauco tropical”** que surge a partir dos **anos 1960**, no **ambiente do Rio**, e que passa a fazer da **história e da cultura brasileiras o maior interesse e tema privilegiado de sua obra**.

É esse Glauco que a presente exposição enfoca, como parte de 2 programas expositivos em operação no Museu que são aqui interligados: “Histórias ausentes”, voltado a resgates e revisões históricas, e “História do MARGS como história das exposições”, que aborda a história institucional do Museu.

“Glauco tropical” reúne um recorte de



“Tropicália” (1989), serigrafia, 50,5 x 71 cm. Acervo MARGS

49 obras do Acervo Artístico do MARGS, onde o artista está representado por mais de 300 trabalhos.

A maior parte foi adquirida em 2018, com a generosa doação realizada por Norma de Estellita Pessôa, viúva de Glauco. Desde então, **essas obras foram submetidas a processos de restauração**, possibilitando agora que estejam em condições de exibição para esta que é uma **primeira apreciação pública do conjunto, a partir de um recorte temático e que cobre um período dos anos 1960 a 90**.

A seleção está concentrada nesse “Glauco tropical”, caracterizado por explorar — com seu **inconfundível grafismo e colorido na figuração de acento pop** — os temas de uma identidade brasileira, vivenciados a partir da experiência carioca.

Os povos originários, o colonizador, o carnaval, o futebol, a natureza tropical, a religiosidade, a televisão e a história do Brasil. E também a cultura de massa e o culto às celebridades. Quase sempre se valendo de imagens prévias em circulação,

até mesmo da iconografia da história da arte, como é o caso de “Segunda missa no Brasil” (1996), obra que funciona como espécie de ponto de partida desta exposição.

Em comum, são todas obras nas quais Glauco explora fatos, estereótipos, tipos e complexidades da história e da cultura brasileiras, de forma crítica e analítica, pela via do humor, da ironia, da farsa e mesmo da provocação e do sarcasmo.

Uma diversidade de motivos tão bem definida pelo próprio Glauco ao comparar sua produção aos enredos dos desfiles de carnaval — **“sou uma espécie de escola de samba”** — e sintetizada na expressão que o crítico Roberto Pontual elaborou sobre a produção do artista — **“tropicalismo crítico”**.

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS
Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte

Cristina Barros

Curadora-assistente do MARGS
Bacharela em História da Arte



“Tropicália” (1968), litografia a cores, 50,3 x 70,4 cm. Acervo MARGS

Glauco Rodrigues

(Bagé/RS, 1929 – Rio de Janeiro/RJ, 2004)

Pintor, desenhista, gravador, ilustrador e cenógrafo.

Sua produção explora a figuração tanto realista como mais lírica, destacando-se a de cunho pop, entremeada por incursões no abstracionismo informal.

Começa a pintar em 1945, como autodidata. Ainda em Bagé, integra com artistas como Clóvis Chagas e Glênio Bianchetti o grupo que se aglutina em torno do poeta Pedro Wayne, de influência vanguardista, e que passa, em 1948, a ter aulas com o pintor carioca José Moraes, vindo de formação na Escola Nacional de Belas Artes — ENBA e de lições com Quirino Campofiorito e Portinari.

Ainda em 1948, esse grupo — que já contava também com Danúbio Gonçalves, Denny Bonorino e Júlio Meirelles e professava assumido posicionamento modernista — é apresentado em Porto Alegre na célebre exposição “Os novos de Bagé”, termo cunhado pelo crítico Clovis Assumpção e que geraria a alcunha “Grupo de Bagé”.

Em 1949, ganha bolsa de estudos da Prefeitura de Bagé e frequenta, por três meses, a Escola Nacional de Belas Artes — ENBA, no Rio de Janeiro.

Em 1951, funda o Clube de Gravura de Bagé, com Bianchetti e Gonçalves. Fixa-se em Porto Alegre e participa do Clube de Gravura criado na cidade por Carlos Scliar e Vasco Prado.

Em 1958, muda-se para o Rio de Janeiro e passa a atuar também como ilustrador, integrando a primeira equipe da revista Senhor.

Participa da Bienal de Paris em 1961 e, no ano seguinte, se estabelece em Roma,

onde permanece até 1965. Um ano antes, participa da Bienal de Veneza.

De volta ao Brasil, insere-se no ambiente artístico do Rio de Janeiro, onde estão em evidência a chamada nova figuração e o neoconcretismo, participando de importantes exposições como “Opinião 66” e “Nova objetividade brasileira” (1967), ambas apresentadas no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro.

Em 1967, é premiado na 9ª Bienal de São Paulo, conhecida como a “bienal do pop”.

Na ilustração, destacam-se trabalhos como a capa do livro “Morte e vida Severina” (1955), de João Cabral de Melo Neto, e o cartaz do filme “Garota de Ipanema” (1967), de Leon Hirszman.

Na década de 1980, recebe o Prêmio Golfinho de Ouro Artes Plásticas do Governo do Estado do Rio de Janeiro e publica livro que reúne a sua obra.

Em 1999, ganha o Prêmio Ministério da Cultura Candido Portinari – Artes Plásticas.

Falece vítima de parada respiratória em 2004, aos 75 anos, no Rio.

Em 2013, o crítico francês Nicolas Bourriaud dedica uma sala a Glauco na mostra “L’Ange de l’histoire” (Anjo da história), na École Nationale de Beaux Arts, em Paris. Por ocasião dessa mostra, a revista Art Press publica matéria com obra de Glauco na capa. Em 2019, Bourriaud expõe Glauco na Bienal de Istambul.

Em 2016, é lançado o documentário “Glauco do Brasil”, dirigido por Zeca Brito, e que reúne diversos críticos e pensadores abordando a obra do artista.



Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura,
Governo do Estado do RS, Secretaria de Estado da Cultura e
Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS apresentam

GLAUCO TROPICAL

CURADORIA
Francisco Dalcol
Cristina Barros

VISITAÇÃO
20.12.2022 a
16.04.2023

MARGS
GALERIA IBERÊ CAMARGO
E SALA OSCAR BOEIRA

Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS
Praça da Alfândega, s/nº, Centro Histórico | Porto Alegre, RS | Brasil
Terça a domingo, 10h às 19h (último acesso 18h) | Entrada gratuita

 www.margs.rs.gov.br   /museumargs

ASSOCIE-SE

Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul | AAMARGS

 www.margs.rs.gov.br/aamargs

VISITAS MEDIADAS

O Núcleo Educativo e de Programa Público do MARGS oferece visitas mediadas às exposições para visitantes individuais, grupos e escolas, mediante agendamento prévio. São também oferecidas visitas técnicas. As solicitações devem ser feitas pelo email: educativo@margs.rs.gov.br



PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO

